



Fotografando a solidão

Protographing loneliness

Fotografiando la soledad

Cristiano Sobroza Monteiro

Universidade Estadual de Campinas

Universidade de Caxias do Sul

e-mail: cristianosobroza@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9930-1385>

Apresentação

Uma pequena casa de madeira, localizada na “parte de cima” da comunidade quilombola Arnesto Penna Carneiro em Santa Maria, RS, da qual ninguém entrava ou saía, despertava-me a atenção. Certa feita, enquanto caminhava pela comunidade, um jovem advertiu que eu não me aproximasse da moradia, pois naquele lugar, vivia um “velho louco e solitário”.

Corria o ano de 2009, e eu iniciava uma pesquisa etnográfica no quilombo com vistas à elaboração de um laudo pericial antropológico posto que a comunidade reivindicava o reconhecimento de seu território¹. Durante as estadias em campo, passei a ouvir comentários acerca do “velho louco solitário”, e na medida que mais pessoas me advertiam sobre o comportamento “velho”, maior era a minha vontade de adentrar àquele *lugar proibido*. Qual era o seu nome? Por que algumas pessoas da comunidade o reconheciam daquele modo? Ele realmente vivia afastado de todos? De que forma era o interior de sua casa? Como ele chegou a estabelecer residência naquela localidade? Provido desses questionamentos e contrariando o aviso do jovem, decidi tentar uma aproximação àquele sujeito para descobrir as tramas de uma história com contornos aparentemente misteriosos.

Era inverno e todos os dias pela manhã “o velho” sentava-se por alguns instantes em frente à casa para aquecer o corpo ao sol. Vestido com um casaco esfacelado de lã marrom, e uma calça que fazia comprimento até a altura das canelas, ele mantinha-se constantemente com o olhar fixado para o chão e com uma das mãos apoiadas à testa. Era alto, esguio e possuía um aspecto de aparente debilidade, entretanto, o cabelo grisalho e brunido, proporcionavam-lhe um ar de dignidade. Na primeira vez que trocamos olhares, o cumprimentei, porém, não obtive reação de sua parte. Passados alguns dias, decidi fincar-me próximo ao cercado de taquaras, que separava o seu quintal do restante do

¹ De 2006 à 2012, acompanhei o processo de politização da identidade social dessa comunidade que reivindicava o título de “remanescente de quilombos”. Tal processo foi marcado tanto por transformações no plano da identidade coletiva e em seu imaginário social, como também na própria subjetividade de seus moradores. Em decorrência dos trabalhos de campo realizados nesse período, e de um amplo movimento de mobilização, construído por diversos agentes políticos e, principalmente, pelo Movimento Negro de Santa Maria e pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), os moradores da comunidade tiveram de articular a sua condição quilombola com elementos da tradição e com a constituição de novos sujeitos políticos e de direitos, em um processo de inclusão e visibilidade social, ainda em curso no quilombo (MELO; DAVID; LOPES; MONTEIRO; MOURA FILHO; ROSA; RUBERT, 2011).

território da comunidade, e então, me apresentei. Para minha surpresa, naquele dia, ele convidou-me para entrar.

Abanquei-me próximo ao fogão à lenha, e tão logo trocamos algumas palavras de deferência, o estigma do “velho louco” dissipou-se. Demonstrando entusiasmo em se comunicar, que imaginei ser decorrente do pouco contato com pessoas, Seu João do Amaral mostrou-se uma pessoa extremamente lúcida e solícita.

Contou-me que sua chegada até à comunidade quilombola se deu em razão dos vínculos de amizade que mantinha com um ex-morador da comunidade (legatário) que detinha posse de parte das terras no mesmo território em que o está circunscrito o quilombo. Com o desenvolvimento da pesquisa genealógica dos quilombolas, averigui que Seu João do Amaral foi casado, durante muitos anos, com uma mulher que tinha laços de parentesco com os Penna. Desse matrimônio, ele assumiu a tutela da filha de sua esposa, que era a única pessoa com quem Seu João do Amaral mantinha contato. Falava com admiração da filha que, segundo ele, “emancipou-se para morar na cidade”. Após o falecimento da esposa, decidiu que viveria “solito para sempre”.

A minha relação de amizade com Seu João do Amaral, desde o nosso encontro em 2009, e minha decisão de revisitá-lo *em memória* doze anos depois, já que Seu João do Amaral faleceu no ano de 2013, não alteraram as perguntas que ainda permencem gerando-me inquietação: como a solidão humana é construída socialmente? Viver sozinho é uma opção ou uma contingência da vida? Que fatores interferem para a dissolução dos laços sociais entre *indivíduo* e *sociedade/comunidade*? Que outros tipos de relações, além das humanas, são possíveis nessas circunstâncias de vida?

Em *A solidão dos moribundos*, Norbert Elias (2001, p. 18) exprime que o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos e o esfriamento de suas relações com as pessoas próximas, são penosos não só para os sofrem, mas para os que são deixados sós. Acontecia o mesmo com Seu João do Amaral?

Ao investigar a gênese da solidão moderna, Celso Castro (1994, p. 76) reitera que o *homo solitarius* constitui-se não propriamente como um ser com total ausência de interações, mas à diferentes graus de intensidade e intimidade vivenciados nas interações sociais. Nesse ensaio, essa ideia tornar-se-á evidente na maneira como Seu João do Amaral se relacionava com o Pirata, o seu cachorro de estimação.

Em sua defesa de um “retorno à representação narrativa”, isto é, um modo de escrever histórias que conte estórias, com enredos, cenas e heróis, Yves Winkin (2004, p.

33) argumenta que o discurso narrativo é a forma de reabilitar as pessoas, os motivos e possibilidades em um campo há muito tempo deixado para estruturas, forças e tendências. Aliando-me à perspectiva de Winkin, sobre a biografia como história etnográfica, busquei, neste ensaio, realçar fragmentos narrativos e visuais, cuidadosamente extraídos da biografia de Seu João do Amaral, atentando, conforme advertiu Pierre Bourdieu (2006), às armadilhas forjadas pela ilusão biográfica.

Ao final de meu tempo de convívio junto a Seu João do Amaral, a pesquisa etnográfica me permitiu compreender que a sua solidão estava associada a dois domínios: o primeiro, que denominei de *afastamento por razões morais* e o segundo de *distanciamento por questões físicas*. A comunidade Arnesto Penna Carneiro passou por uma redefinição identitária religiosa nos últimos vinte anos. Antes da chegada do pentecostalismo (a quase totalidade dos quilombolas é pertencente à Igreja Pentecostal Deus é Amor), os quilombolas tinham suas crenças religiosas firmadas no catolicismo. A opção por viver sozinho, segundo Seu João do Amaral, decorria dessa modificação do sistema de crença religiosa comunitária, já que ele não aceitou distanciar-se do catolicismo para evangelizar-se.

O segundo domínio se refere ao seu problema de saúde, que ele próprio definia como “cansaço”. Com severas dificuldades de fala, que deparei ser ocasionada de alguma enfermidade que acometia os seus brônquios, Seu João do Amaral reclamava que os moradores da comunidade não se aproximavam dele porque concebiam que o seu problema de saúde era um “mal transmissível”, razão que explicaria o suposto afastamento dos moradores e a sua opção por viver sozinho.

Em relação ao processo de produção das imagens é importante fazer alguns apontamentos. Esse trabalho baseou-se na proposta de Patrick Deshayes (1996, p. 53) em relação à “experiência do *feed-back*” na pesquisa antropológica compartilhada, processo que se constitui como um modo de “fazer reflexivo do lugar do visual nos modos de expressão”, assim como, nas formas de restituição (RIAL, 2014) das imagens. Durante o nosso tempo de convivência, a entrada da máquina fotográfica em campo sucedeu-se após eu informar a Seu João do Amaral, sobre o meu projeto de *tentar retratar como era a solidão*.

Nesse sentido, os vínculos de confiança passaram a ser fortalecidos nas circunstâncias em que eu fotografava Seu João do Amaral, e dias depois presenteava-o com as fotografias impressas em pequenos álbuns. Esses momentos constituíam-se como espaços de escuta atenta sobre episódios de sua história de vida, e onde as fotografias tinham a capacidade de fazer emergir lembranças (HALBWACHS, 1968), ou seja, onde o

passado era reconstruído como ajuda de dados tomados do presente e elaborados em outros lugares (BARROS, 1989).

Nas capturas das imagens eu privilegiei enquadramentos espontâneos e planos fechados, dado que as condições de mobilidade e a posição corporal de Seu João do Amaral não se alteravam de maneira significativa. A opção por realizar fotografias em preto e branco deu-se em razão de que as cores reforçariam o argumento da solidão e proporcionariam mais força estética ao ensaio. As fotografias foram realizadas durante os meses de junho e julho de 2009, com uma câmera digital *Canon* modelo *Powershot A600*.



1. O rancho

O velho rancho. Foto: Cristiano Monteiro.



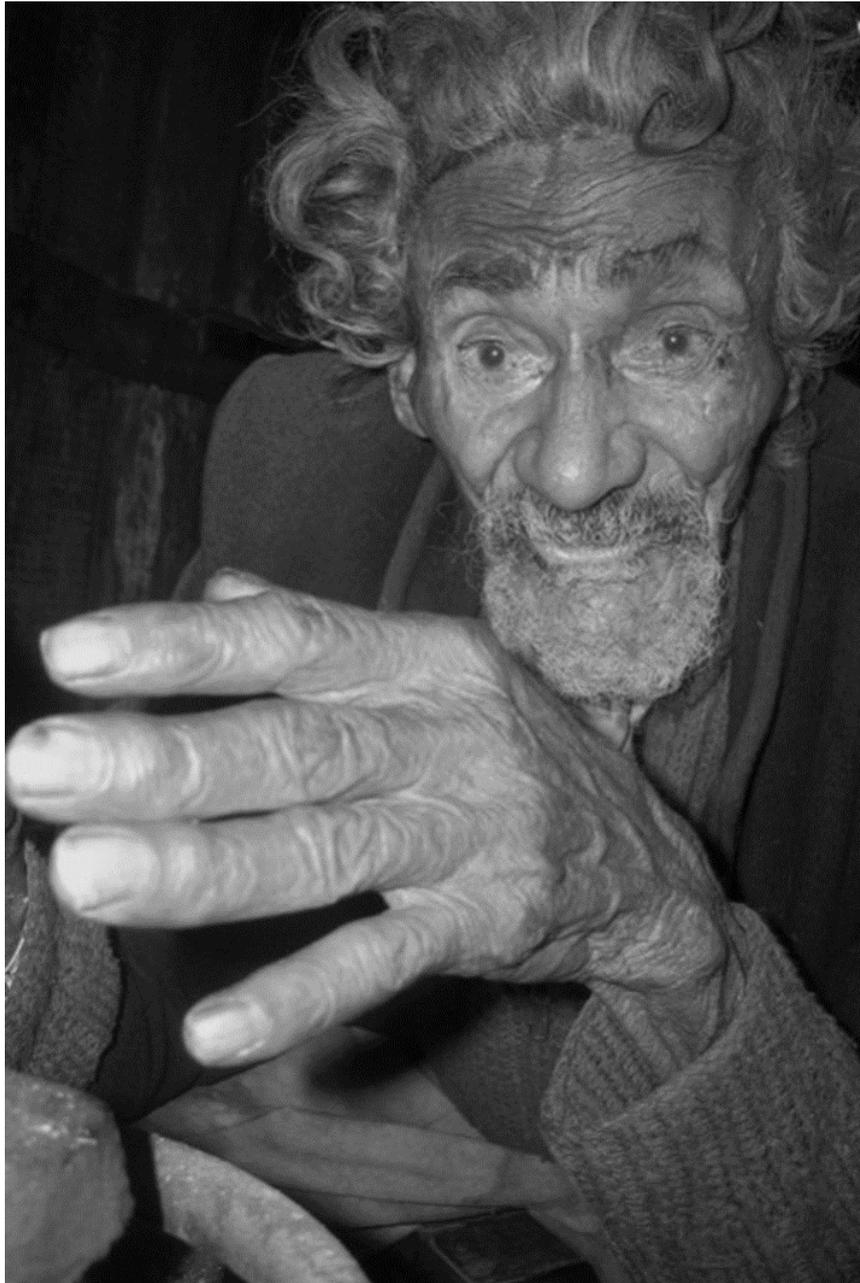
2. A procedência

“Meu nome é João do Amaral. Eu nasci em Restinga Sêca. Tenho 85 anos. Nasci e me criei ali, bom... poder ir em qualquer lugar, ver se acha meu nome... meu nome não aparece. Eu nunca precisei, graças a Deus, de polícias, autoridades, minha procedência sempre foi uma só. O meu defeito é só o serviço e ficar em casa, eu estou com 85 anos, na delegacia não tem queixa de mim, sempre, sempre, fui assim. Foi o ensino que o meu pai me deu... proceder direitinho. É a coisa que eu mais gosto, vivo solito aqui” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.



3. As relações

“Uma vez eu tinha uma companheira, mas faz mais de trinta anos que ela morreu, nunca mais... vivi sempre solito, assim, morando no meu ranchinho, criei uma guria, a guria se emancipou, tá na cidade. Depois que minha companheira morreu, sempre vivi solito. Não é com todo mundo que a gente se acerta” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.



4. O trabalho

“Eu queria trabalhar! Viver só no trabalho! Se não é essa “canseira” que eu sinto, eu tava trabalhando, tava plantando. Nas lavouras eu sei tudo que é serviço” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.



5. Os valores

“Bebida não é comigo, de qualidade nenhuma. Tendo álcool eu não bebo nada. Só bebo água, então por isso que eu estou vivendo ainda, porque fumar eu não fumo, beber eu não bebo, meu único vício é a “bóia” (comida)” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.



6. A incapacidade

“Eu sinto muito não poder trabalhar, era tudo para mim! Todo serviço que viesse, vinha bem... Plantação, eu sou um homem de serviço na lavoura, eu sei fazer tudo!” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.



7. A falta

“Que falta que faz o estudo... Barbaridade! Eu não sei assinar o meu nome... Faz uma falta “braba”. Qualquer coisa tem que botar o dedo, assinar eu não sei. E agora já estou velho, vou até o final da vida assim” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS).
Foto: Cristiano Monteiro.



8. As razões

“Vivo bem aqui, quietinho, eles não vêm aqui, eu também não vou na casa dessa gente aí, nessas casas eu não vou. Nunca fui! Sabe por que eu não vou? Não vou por causa da religião deles, isso não é comigo. Antes eram católicos. Sempre, sempre me dei bem com eles, depois veio essa religião e eu me retirei deles”

“Aqui não vem ninguém, decerto eles acham que minha doença pega neles... Essa minha doença não é doença de pegar em ninguém. É uma cansaça, uma falta de ar que eu tenho...”
(João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.



9. O amigo

“O cachorro é o melhor amigo do homem, tu dá um tapa ele volta, tu chama ele volta. Esse é o meu amigo, o Pirata” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.



10. A solidão

“Às vezes eu fico aborrecido, sabe? Mas o que eu vou fazer? Não é por mim, é minha saúde. Eles não vêm aqui, e eu vivo quietinho e sozinho. Eu e Deus e assim é melhor” (João do Amaral, entrevista, 08/07/2009, Santa Maria-RS). Foto: Cristiano Monteiro.

Referências

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 29-42.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006 p. 183-191.
- CASTRO, Celso. *Homo Solitarius*: notas sobre a gênese da solidão moderna. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 4, p. 71-78, 1994.
- DESHAYES, Patrick. Uma experiência de *feed-back*. *Cadernos de Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968.
- MELO, Ana Lúcia; DAVID, Cesar de; LOPES, Dilmar Luiz; MONTEIRO, Cristiano Sobroza; MOURA FILHO, José Luiz de; ROSA, Raoni da; RUBERT, Rosane Aparecida. *Palmas para o quilombo: processos de territorialidade e etnicidade negra*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.
- RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Roubar a alma ou as dificuldades da restituição. *Tessituras*, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 201-212, jul./dez. 2014.
- WINKIN, Yves. Erving Goffman: o que é uma vida? O incômodo fazer de uma biografia intelectual. In: GASTALDO, Édison (Org.). *Erving Goffman: desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. p. 13-37.

Recebido em 06 de julho de 2022

Aceito em 09 de novembro de 2022